

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



O SÍTIO DO CORGO. UMA ESTAÇÃO DA IDADE DO BRONZE EM VILA DO CONDE

Iva Botelho / Metro do Porto S.A. / iva.botelho@metro-porto.pt

RESUMO

Apresenta-se o Sítio do Corgo, Vila do Conde, descoberto durante o acompanhamento arqueológico das obras do Metro do Porto. Assentamento de estruturas em negativo de comunidade de agricultores-pescadores, estender-se-á entre Árvore e Azurara, espaço ao qual já era anteriormente reconhecido potencial arqueológico, se bem que de fâcies romana. Não sem fundamento. Porém, revelaram os trabalhos ocupações remontáveis à Idade do Bronze, para além da possibilidade de ocupação Calcolítica prévia. Assim, à mercê da comunidade científica, coloca-se uma súmula dos resultados obtidos nesses trabalhos, todos nas categorias de arqueologia preventiva e de emergência. Desta forma, alertá-la também para as ameaças que se abatem sobre o sítio, decorrentes tanto da prática agrícola mecanizada como dos planos urbanísticos que pairam no horizonte.

ABSTRACT

The author presents the results of the rescue and preventive works carried out at *Sítio do Corgo*, which was discovered during the archaeological watching brief of Line B of Metro do Porto in Azurara, Vila do Conde.

It was first assumed as being a Later Roman Empire site. However, the archaeological excavation revealed a negative structures' settlement belonging to a fishermen and farmers community of the Bronze Age, although probably having been occupied from the Calcolithic. According to the archaeological survey, its extension goes as far as Lugar da Quintã, which is about 1,5 km South.

But the goal of this paper is also to alert scientific community to this archaeological settlement which is nowadays being damaged by agriculture and urban pressure.

1. INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 2005, a obra de duplicação e dedicação a canal de metro da antiga Linha Ferroviária da Póvoa¹ chegava às imediações da margem sul do rio Ave. Com ela, o seu acompanhamento arqueológico, medida de mitigação ditada pelo licenciamento ambiental do projeto². Foi assim que o *sítio arqueológico do Corgo*, em Azurara, Vila do Conde, foi descoberto, no dia 23 de fevereiro de 2005. Uns dias depois, a 5 de março, os mesmos trabalhos de mitigação revelariam outro sítio arqueológico a cerca de 1,5 km para sul, no lugar da Quintã, em Árvore.³

Descobertas inusitadas, estas, mas não de todo imprevisíveis, dado que à globalidade do espaço era já reconhecido potencial arqueológico relacionado não só pela referência toponímica da Quintã a potencial de fâcies romano, como também pela hipotética localização algures por ali do povoado de *Pinitellus*, fundação altimedieval de Azurara⁴. Mas, enfim, sensibilidades não declaradas no referido *procedimento de AIA*.

E foi, por isso, o sítio primeiramente descoberto durante as ações de terraplenagem necessárias à retifi-

1. Linha B (ou Vermelha) na exploração da rede do Metro do Porto.

2. Procedimento de AIA n.º 880, a que se refere também o Processo do IPA 2002/1(171).

3. Sítios descobertos pela Dr.ª Anabela Pereira de Sá, arqueóloga profissional liberal ao serviço da Arqueohoje, Lda.

4. Informações gentilmente cedidas pelo Dr. Paulo Costa Pinto, arqueólogo da Câmara Municipal de Vila do Conde, no Outono de 2004. Na sua base esteve, nessa data, a previsão de um plano de sondagens prévias entre Árvore e Azurara, depois abandonado, dada a realocação de tal sensibilidade arqueológica na Varziela, a sul, e na encosta sobranceira à Ponte Ferroviária do Ave, a norte. Por meio das sondagens prévias “MP-ARV02.05” e “MP-AZR01.04”, tal potencial no primeiro caso foi confirmado, mas no segundo foi refutado.

cação de traçado entre a “PN da Nacional 104” e a “PN do Corgo”. No imediato, seguiram-se-lhes trabalhos arqueológicos de emergência que, em Azurara, foram executados na base de uma parceria entre a Metro do Porto S.A. e a Arqueohoje, L.da⁵, e, em Árvore, na base de uma parceria entre a Metro do Porto S.A. e a Arqueologia&Património, L.da⁶. De ambos resultou o diagnóstico de estratificações multisseculares entre a Alta Idade Média e a Idade do Bronze, sendo que na Quintã se destacava sobremaneira a ocupação romana e no Corgo sobressaía a pré-histórica.

Intervenções que estariam terminadas no terreno, não fora a decisão de construção da rua “Variante do Corgo”, correndo fora o ano de 2005, de que também foi encarregue a Metro do Porto S.A.. Consequentemente, determinou o IPA a realização de trabalhos arqueológicos prévios, desta feita realizados numa parceria entre a Metro do Porto S.A. e a Novarqueologia, L.da⁷. Tais trabalhos viriam a estender-se praticamente a toda a estrada, entre janeiro de 2007 e janeiro de 2009, englobando uma escavação com cerca de 6000 m², e é neles que se centra esta apresentação.

Ainda por essa altura viria a ser planeada a construção da rua “Variante à Nacional 104” que permitiu eliminar a PN epónima localizada entre o Corgo, a norte, e o lugar da Quintã, a sul. Responsabilizada a Metro do Porto S.A. da sua construção, anote-se, todavia, que sobre esta obra não foi exigida qualquer ação de mitigação arqueológica.

2. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA, ENQUADRAMENTO GEOMORFOLÓGICO E AMBIENTE

Com as coordenadas geográficas 8° 43' 34",29 W Greenwich e 41° 20' 43" N (Carta Militar de Portugal, escala de 1:25.000, Folha n.º 96), a *Estação Arqueológica do Corgo* localiza-se no Lugar do Souto, Freguesia de Azurara, (Concelho de Vila do Conde,

5. Trabalhos MP-AZR02.05, da Responsabilidade Científica de Iva Botelho, arqueóloga da Metro do Porto.

6. Trabalhos MP-ARV01.05, da Co-responsabilidade Científica de Iva Botelho, arqueóloga da Metro do Porto, com Liliana Barbosa, arqueóloga da Arqueologia&Património.

7. Da Co-responsabilidade Científica de Iva Botelho, da Metro do Porto, com, pela Novarqueologia, Sérgio Gomes, na campanha MP.AZR03.07, e Susana Borges, nas campanhas MP-AZR04.07-08 e MP-AZR05.08-09.

Distrito do Porto), estando os espaços intervencionados a cotas médias que variam entre os 25 m, os 32 m e os 35m.

Lugar de Souto que se insere numa “(...) região de relevos fracos, cortada por muitas linhas de água, na maior parte tributárias do rio Ave (...)”⁸. Segundo a Carta Geológica de Portugal, será de apontar influência marinha para as suas formações geológicas mais recentes. Assim, a área intervencionada implanta-se numa zona de contacto entre um Complexo Xisto – Granítico – Migmatítico (Xyz) e um nível de praia antiga Plio-Plistocénica (Q3), que se lhe sobrepõe. Isto mesmo é destacado na página 14 da Nota Explicativa da Carta Geológica (Figura 1). Materializa-se tal praia em depósito sedimentar de composição siltosa, apresentando tonalidade que grada em profundidade entre o alaranjado e o amarelado.

Topograficamente, esta geomorfologia traduz-se em cumeada aplanada com orientação NW-SE, que vem sofrendo alterações pelas práticas agrícola e silvícola, e pela ocupação urbana. Esta marcada primeiramente pela implantação de vias de comunicação (como as do Caminho-de-Ferro e da Estrada Municipal “Rua do Corgo”), foi depois acentuada pela instalação da Emissora Nacional e de edificado residencial.

Numa visão de conjunto, o espaço escavado resultou no corte de uma faixa de terreno com cerca de 500 m de extensão no sentido este/oeste, circunscrita ao corredor do projeto. Nesta progressão, cortou zona de encosta ocupada por eucaliptal, caindo em escarpa sobranceira à Ribeira do Corgo; cruzando o canal ferroviário, atravessou plataforma agrícola; e, infletindo em curva para NW ao P.K. 0+300, atravessou parcela rústica, a nascente, sobranceira à plataforma agrícola e, a poente, à Costa.

Nesta caracterização do espaço, refira-se também a suscetibilidade ambiental desta estação arqueológica, refletida na mutabilidade das variações cromáticas dos depósitos decorrente da exposição à luz e humidade, fatores cuja combinação equilibrada apenas surgia em fugazes existências, dificultando fortemente a perceção de tais variações.

8. Carta Geológica de Portugal na Escala 1/50 000, Notícia Explicativa da Folha 9-A, Lisboa, 1965, p.7.

3. BREVES NOTAS SOBRE ESTRATÉGIA E METODOLOGIA UTILIZADAS (DE ESCAVAÇÃO E REGISTO)

Por todas essas razões, supérfluas não serão estas notas com quais se esclarece as opções metodológicas feitas, considerando também o enquadramento dos trabalhos.

Assim: i), registre-se a implementação de uma estratégia de *open area* reticulada por uma malha de 4m², porém apoiada na manutenção de testemunhos conservados até ao final dos trabalhos, que dividiam o espaço em *setores de escavação nomeados de A a Z*; ii), retenha-se o *processo de escavação estratigráfica combinado com a decapagem por planos arbitrários subordinados à estratificação natural*, como forma de garantir o controlo daquela e também do registo tridimensional de artefactos e negativos exumados; iii) decorrentemente, retenha-se a opção por um *sistema de referência provisória da estratificação* – na nomenclatura dos trabalhos, *complexos* – organizada por séries vinculadas às camadas da estratificação do sítio e, *posteriormente, relacionada entre si, de que resulta já a presente síntese*; iv) retenha-se ainda a subscrição da proposta de Martin Carver para prossecução da *referenciação de contextos por séries tipológicas autónomas* (camadas, buracos de poste, fossas e valados); v) e, principalmente, esclareça-se que foi critério para o agrupamento dos negativos em planos, o da sua *contextualização conferida pela afinidade reportada à camada superior de todas as que eram cortadas por cada negativo*.

4. RESULTADOS OBTIDOS: ESTRATIGRAFIA, ESTRUTURAS E MATERIAIS

Tem sido gradual e sujeita a revisão, a questão da contextualização da *Estratificação Geral do Sítio*, e o seu início tem-se vindo a problematizar e a recuar no tempo à medida que se vai esclarecendo a história recente do lugar.

Assim, à data da descoberta, no acompanhamento arqueológico da obra, foi o sítio assumido como Altimedieval, dada a mistura observada de *tegullae* com cerâmicas comuns a torno e manual, e tendo também por referência a aludida localização incerta mas próxima do povoado de *Pinitellus*. Contextualização revista pela escavação de emergência MP-AZR02.05, logo subsequente, e nessa altura a

jazida foi dada como um sítio multissecular cujas ocupações antrópicas mais significativas se apresentavam cronológica e culturalmente descontínuas, entre um *horizonte do Bronze Pleno* e um *horizonte vestigial Tardorromano ou Altimedieval*. Posteriormente, as escavações em área realizadas previamente a construção do arruamento “*Variante do Corgo*” revelaram que o local tem sido sujeito a grandes impactos causando a eliminação de estratos. De entre estes, destaque para a modelação do terreno, ocasionada pela instalação da Emissora Nacional, de que resultou a eliminação do topo da cumeada, pondo em contacto as ocupações Romana e da I. do Bronze: no espaço atravessado estas ocupações evidenciavam dispersões estratigráficas mutuamente exclusivas, com clivagem drástica marcada à *ordenada 178* da grelha de coordenadas dos Trabalhos MP-AZR 04.07-08. Assim, o *Sítio de fácies romana* desenvolvia-se na vertente para poente, ocupando o *Setor X*, enquanto que o *Sítio de fácies pré-histórica* – um enorme assentamento em negativo, que vem sendo indexado a Idade do Bronze –, se houvera estratificado na vertente nascente.

É sobre o *assentamento da estratificação da I. do Bronze* identificada no Lugar do Souto que se propõe esta aproximação ao sítio e sua contextualização.

4.1. Sequência Estratigráfica Reconhecida

“*Let’s start at the very beginning,
A very good place to start.
When you read you begin with ABC,
When you dig you begin with - stratigraphy!*”

Canção popular inglesa, in Chadwick (1997)

Declarada já a clivagem estratigráfica do sítio e, bem assim, o objeto desta apresentação, para o desenvolvimento que se segue cumpre esclarecer que à *camada 4 da estratigrafia geral diagnosticada e planos de negativos* associados corresponde a *ocupação de fácies romana*. Subordinando agora a exposição ao desenvolvimento do terreno na sua *orientação a nascente da ordenada 178*, esquematicamente, a estratificação inversa associada à jazida pré-histórica desenvolvia-se da seguinte forma.

- **Camada 1b**, ou camada superficial da plataforma da Emissora Nacional sobrejacente à camada 2;
- **Camada 1a**, ou nível de lavra na plataforma agrícola, aí sobrejacente a várias formações (ca-

- mada 3a, camada 5b e camada 8a/b); e **Camada 1c**, ou camada humosa superficial no eucaliptal;
- **Camada 2**, agrupando conjunto de formações reportadas ao século XX, destacando-se as relacionadas com as instalações do caminho-de-ferro – designadamente, balastros e depósitos com carvão –, e da Emissora Nacional, aqui destacando-se uma camada uniforme e muito homogênea de saibro compactado;
 - **Planos 1 de negativos abertos na Camada 3**, constituído por alguns, raros, valados identificados nas formações assim agrupadas;
 - **Camada 3**, que reúne conjunto de formações sedimentares similares contextualizadas na Época Moderna, oferecendo cada uma delas um *corpus* de espólio que associa material romano muito rolado a fabricos modernos vidrados e a torno foscos e também a fabricos manuais;
 - **Plano 2 de negativos abertos na camada 5a**, maioritariamente constituído por fossas, algumas das quais de tipologia fechada, ovoide, e geralmente isoladas. Quanto ao espólio, caracteriza-se por, entre os líticos, contar com pesos de rede, mós manuais e algumas placas de arenito; e entre aos cerâmicos, de moldagem manual e predominantemente liso, por poder-se referenciar a identificação de colagens permitindo a reconstituição de formas ovoides, de fundo plano, moldadas pela técnica de rolo⁹;
 - **Camada 5a**, estendendo-se entre os *Setores O-P, a poente, e E, a nascente*, com uma superfície aplanada, trata-se de um depósito de matriz areno-argilosa cuja tonalidade apresenta gradual variação espacial entre o castanho médio e o castanho alaranjado. Quanto ao espólio, há que destacar, em primeiro lugar, a presença significativa de fragmentos de cerâmica de vasilhame de fabrico manual maciçamente liso e informe, porém, à mistura com alguma inclusão residual de cerâmica de construção (sobretudo *tegullae* muito fragmentadas e roladas), cerâmicas a torno foscas e cerâmicas vidradas; sendo que entre os líticos se verifica a mesma presença de pesos de rede, mós manuais e algumas placas de arenito;
 - **Plano 3 de negativos abertos na camada 5b/c**,

9. Três destes vasos, exumados na fossa 203, integram atualmente a exposição “Vila do Conde. Território e Memória”, presente no Centro da Memória de Vila do Conde.

- patenteando considerável conjunto de fossas – de tipologia fechada, ovoide, podendo atingir mais de 1 m de profundidade –, mas também por valados, buracos de poste e algumas, raras, estruturas de combustão. No *Setor E*, assumindo a articulação entre si de um conjunto de buracos de poste, dos quais apenas dois se definiam neste plano – contextualizando-se os restantes abaixo, na camada 8a –, identificava-se uma cabana retangular. Mas, ainda neste plano, é de realçar a contextualização do *fosso* – identificado já no corredor ferroviário –, contextualização dada tangencialmente pela identificação pontual do topo da sua interface cortando a camada 5c no *Setor Z* (localizado no eucaliptal). Refira-se que a sua progressão espacial, desenvolvendo-se de oeste para nordeste, insinuava arco que delimitava por sul o espaço intervencionado. Do acervo artetactual deste plano, há que anotar a semelhança com os do *plano 2* e da camada 5a;
- **Camada 5b/c**, que se estendia continuamente entre os *Setores J-L, a SO, e D a NE*, sendo também identificada nos *Setores B e Z*: depósito argiloso, de tonalidade castanho-avermelhada ferruginosa, raiado no seu topo por sedimentos amarelados, compacto e de textura fina. Incluía materiais cerâmicos predominantemente manuais e lisos acentuadamente fragmentados, sendo por isso de salientar a presença episódica de exemplares decorados com técnicas puncionadas, unguladas, impressas e incisais;
 - **Plano 4 de negativos abertos na camada 6**, identificado nos *Setores H, I e D*, e, em descontinuidade, no *Setor B*. Embora maioritariamente constituído buracos de poste, é de destacar a definição espacial de uma cabana ovalada dada pela aparente articulação entre os valados 120, 35, e 34 (entre os *Setores I e D*), em cujo interior se localizava conjunto de fossas de tipologia distinta das dos planos anteriormente descritos; valado 34 que providenciou matéria carbonizada relativamente abundante e tendo em associação fragmentos cerâmicos de vaso ovoide com colo;
 - **Camada 6**, estendendo-se de poente para nascente, entre o limite NE do *Setor J*, e o canto NO do *Setor D*, subjaz à Camada 5b. Caracteriza-se pelos seus sedimentos de matriz argilosa muito compacta, de tonalidade castanha muito escura, quase negra, com inclusão intencional de areão,

sendo de salientar a superfície bem definida e compactada como piso, mormente, no espaço interior definido pelos valados 120, 35, e 34;

- **Plano 5 de negativos abertos na Camada 7**, parco em espólio sendo maciçamente composto por buracos de poste, embora integrando também valados e fossas, estas morfologicamente distintas das dos planos superiores. No conjunto, estes negativos não oferecem qualquer leitura espacial;
- **Camada 7**, corresponde a um depósito de tonalidade castanha escura ferruginosa, matriz argilosa e textura fina, embora possa conter algum areão; apresentando-se muito pobre em termos de espólio artefactual, é por isso de destacar entre este a exumação de uma enxó. A total coincidência da sua dispersão espacial com a da Camada 6 permite indiciar a procedência do areão identificado por contacto com esta, tendo-se também vindo a assumir a sua interpretação como uma transição pedológica entre a Camada 6 e o substrato natural. Aliás, a inexistência de interface entre as camadas 6 e 7, que se sucediam por suavíssima gradação na coloração, corrobora isso mesmo.
- **Plano 6 de negativos abertos na camada 8a/b**, registando dispersão por toda a área de desenvolvimento desta camada, constitui o plano que congrega a maioria das estruturas, nomeadamente fossas, alguns valados, e também elevado número de buracos de poste. No conjunto, não oferecia facilmente uma leitura que denotasse organização funcional do espaço, apesar da notória falta de aleatoriedade na distribuição espacial de negativos. Excepcionalmente nos *Setores A e M*, pareciam evidentes duas concentrações estruturadas de fossas, dispostas em alinhamentos alternados, desenhando uma espécie de *enxaquetado* no chão.

Quanto à tipologia destas estruturas, há que sublinhar a variabilidade presente em relação aos seus perfis – tanto abertos, como fechados – e especialmente às suas profundidades, de 10 cm a 120 cm (Figura 2). Variação especialmente registada nos *Setores A, C e D*, há a registar que, aí, este plano subjazia diretamente à camada 1a em 2/3 da sua extensão, aspeto que considero resultante da ocupação de lava atual que vem desgastando os estratos arqueológicos a que se sobrepõe.

Sendo o espólio artefactual dominante semelhante

aos dos planos 2 e 3, há que destacar neste plano a exumação de 5 ex. de cobre, entre os quais um objeto curvo indiferenciado, e um pequeno fragmento de bronze.

- **Camada 8a/b**, depósitos sedimentares argilosos apenas diferenciados na cor devido a uma suave gradação em profundidade entre o laranja e o amarelo. Descrevendo uma extensa superfície declivosa de SW para NE, desenvolve-se desde os limites nascentes dos *Setores M e N* até ao limite nascente da intervenção, identificando-se com o nível de praia plio-pleistocénica, aquelas características dificultaram o seu diagnóstico. Tanto que, e ainda que residualmente e apenas na superfície, providenciava espólio.
- **Planos 7 e 8 de negativos abertos nas camadas 8c/d**. Estes planos de negativos subjazem a contextos cronológico-culturais variados resultantes das ações de regularização topográfica, por corte, que terão eliminado integralmente a estratigrafia antiga nos *Setores Q, S, T, U e V*. No seu conjunto destacam-se pela evidente heterogeneidade cronológica dos mesmos, devido à claríssima presença de negativos contemporâneos. São o caso, por exemplo, das fossas saibreas preenchidas com restos de demolição e dos valados das antenas para-ramos da Emissora Nacional, bem como do valado 63 que, podendo tipologicamente ser de cronologia pré-histórica, cortava duas dessas antenas.
- **Camadas 8c/d**, sucessão de depósitos ainda sedimentares, mas de natureza saibrenta e contendo à mistura seixos rolados quartzíticos, que se sobrepõem a formações graníticas ou xistosas, sendo estéreis em inclusões culturais;
- **Camada 8e** – substrato rochoso (formação granítica alterada tipo W3 ou xistosa). (Figura 3)

4.1. Discussão

Exposição linear, é a que se terminou de fazer, no entanto, deixando entrever alguma complexidade por de trás. Até porque a *história da longa duração do sítio* é ela marcada por uma mobilização contínua de solos com ações de escavação sobre formações naturais e antropogénicas. Ações essas presentemente materializadas em negativos em toda a sequência estratigráfica – 1943 buracos de poste, 198 valados, 386 fossas e 1 fosso -, ainda que com predominância total na sequência estratigráfica pré-histórica; mas

ações também expressas na lavra atual. De resto esta constitui fator antropogénico que terá participado da formação da maioria das camadas descritas: reflexo disso mesmo, serão os raiados sedimentares presentes no todo da camada 5b.

Contribuindo para essa complexidade, mormente no que respeita às formações pré-históricas, temos: *primeiro* _ a natureza sedimentar das formações geológicas superiores, o que dificultou o seu reconhecimento enquanto tal; *segundo* _ as características pedológicas dos solos decorrentes da constituição argilosa desses substratos e os constatados fenómenos de eluviação/iluviação, no presente, estimulados pela lavra mecânica; *terceiro* _ a suscetibilidade ambiental: é de referir a dificuldade da identificação do topo dos negativos, mesmos das fossas – nomeadamente quando o seu enchimento apresentava tonalidades aproximadas à da camada (Ilustração 2) –, e até da leitura estratigráfica geral, quando sob luz intensa, ou após queda de precipitação ou secagem/arejamento dos solos; e *quarto* _ a presença de uma estratificação sincopada pela lavra atual, a nascente, e pela modelação topográfica intencional, a poente. Destes fatores resulta que é claríssima a contemporaneidade de alguns negativos dos *planos 7 e 8*, dando-o naturalmente como pluri-temporal, não obstante a sua posição estratigráfica. Mas não é por isso que resulta menos problemática a contextualização do *plano 6*, o que congrega a maior quantidade de negativos e espólio, sendo consequentemente fundamental para a aproximação ao sítio. Abrindo-se na camada 8 a/b e sendo sobreposto por sucessivas formações – Contemporâneas, Modernas e Pré-Históricas – será de notar que o *plano 6* apenas contempla buracos de poste quando subjaz diretamente às camadas 6 e 7, mas também que fossas e valados aparecem não só na sequência c.1a ou c.1b/c.8a e c.8b, como também na sequência c.5a ou c.5b/c.8a e c.8b. Mas, para a discussão estratigráfica, retenha-se também a questão da espacialidade. Assim, salvo raras exceções, é com dificuldade que se reconhecem geometrias funcionalmente significantes entre os negativos: uma cabana retangular, outras duas circulares, e três concentrações de fossas, duas das quais isoladas e a terceira no interior de uma das cabanas... Será quase tudo quanto a vista desarmada consegue vislumbrar das vivências espaciais nos tempos curtos deste sítio. Por outro lado, na intersecção de fossas dentro de um mesmo plano, o indiciamento do alongamento desses tempos, tal como na

multiplicação de buracos de poste, certamente manifestação de sucessivas reestruturações do habitar do lugar... No conjunto, em cada plano, teremos então a materialização de palimpsestos de tempos diferentes.

4.2. Proposta de estratificação natural do sítio e contextualização

Ainda assim, e em jeito de síntese, retenha-se a proposta da estratificação natural do sítio e sua contextualização cronológica conseguida até ao momento. Dada como assente a formação geológica da c. 8, observa-se que, na escalada do tempo, o sítio progrediu de NE para SW dentro do corredor sondado, acompanhando a subida do terreno. Nesta progressão, resultante da alternância com a deposição (natural e/ou antropogénica) de camadas de sedimentos, estratificou-se em várias fases.

Na fase *CORGO I* englobam-se as Camadas 7 e 6 e respetivos planos de negativos 5 e 4. Assume-se para a primeira – paupérrima em espólio e estruturas identificadas - a hipótese de formação por alteração pedogénica entre as camadas 8 e 6. Pelo contrário, a segunda, distinguindo-se na estratificação geral pela feição de piso da sua superfície, afigura-se de claríssima formação antropogénica, com cuidado especial posto na escolha dos seus constituintes, ricos em areão. Eram estas características particularmente evidentes no interior do espaço ovalado definido pelos valados 120, 35 e 34 que era ocupado por fossas.

À fase *CORGO II* correspondem as Camadas 5b/5c e 5a e respetivos planos de negativos 3 e 2. Camadas que se distinguem entre si pela variação na constituição argilosa e pelo tom mais ou menos ferruginoso da sua coloração castanha; mas que se assemelham pela identificação de superfícies sem compactação - aspeto em que reside a diferenciação entre as fases *CORGO I* e *CORGO II* -, mesmo ao nível dos planos de decapagem articulados com as estruturas de combustão; como se assemelham na caracterização dos conjuntos artefactuais identificados. Em relação ao espólio cerâmico passível até ao momento de identificação da forma, dir-se-á que dominam vasos maioritariamente lisos ou providos de pontual decoração plástica, patenteando formas ovóides com colo e fundos planos, sendo também de referir a presença de uma taça semiesférica de bordo plano. Numa abordagem comparativa com as tabelas já estabelecidas, estas peças enquadram-se dentro das morfologias 4b, 6a e 18 da tipologia

Bronze reconhecida no Crasto de Palheiros (PINTO 2008: Fig. 25).

Dada a diferenciação das camadas 5a e 5b/c, foram elas articuladas com as seguintes subfases: *CORGO Ila*, momento em que o espaço dado pelo *plano 3* seria delimitado por sul pelo fosso I, e em que entre as formas habitacionais figuraria a retangular; e *CORGO I Ib*, altura em que, segundo o *plano 2*, a ocupação chegou mais a poente, em cujo limite se identificou uma outra cabana em segmento de círculo. Possivelmente nesta subfase se integrariam originalmente os negativos pré-históricos dos *planos 7 e 8*. *Planos 7 e 8* que resultarão, afinal, da ação da fase *CORGO III* sobre o sítio.

Fase *CORGO III*, articulada com as camadas 3, 2 e 1, ou a manifestação da contemporaneidade neste Lugar do Souto. Contemporaneidade que remontará aos finais da Época Moderna! No presente, a atenção fixa-se na modelação topográfica acentuada pela intensificação da ocupação agrícola do sítio e, no Século XX, na sua segmentação pelo atravessamento de infraestruturas da comunicação – telecomunicações, ferroviárias e rodoviárias (estas, presente-mente em expansão) – e nela se fixa também a prova indelével do seu potencial de desgaste/eliminação da presença do *habitat arqueológico*. Dos estratos recentes, realce-se acima de tudo a imagem de palimpsesto, dada pela associação estratigráfica de fabricos manuais com cerâmicas a torno foscas e vidradas, bem como com materiais romanos muito rolados (e no conjunto, um alfinete de cobre e a maioria dos raros subprodutos cupríferos recolhidos nestes trabalhos!). Considera-se, contudo, que essa imagem é consentânea com a proposta avançada da sua pedogénese por ação agrícola. Assim, esta variabilidade cronológica de fabricos decorrerá, simultaneamente, do enriquecimento destes estratos por resíduos alógenos e da sua formação a partir da perturbação dos substratos imediatos, de cronologias pré-históricas.

Desta forma, trata-se de fase que importa atender com acuidade, pois da sua compreensão resulta grandemente a perceção da problemática contextualização dos estratos subjacentes, nela remanes-cendo também informação importante sobre a estratificação pré-histórica do lugar.

Nomeadamente sobre o *plano 6* de negativos, extremamente abundante em estruturas, muitas das quais patenteando indelével destruição: no tempo, virá ele de alhures e situar-se-á também algures en-

tre o *CORGO I e II*! Pelo menos é o que insinua o espólio aí contextualizado. Simbolicamente, assinalem-se aqui as fossas 116, 290 e 324. Assim, na *fossa 116 (Setor B)*, ovoide com colo e cerca de 90 cm de profundidade, foi exumado um vaso liso, de forma ovoide com colo e fundo plano; na *fossa 290 (Setor L)*, foi unicamente exumado um fragmento de bronze; já na *fossa 324 (Setor E)*, uma calote com 16 cm de profundidade, exumou-se um pequeno vaso – 10 cm de altura - de forma ovoide com asa e fundo esférico, singular pela profusa decoração puncionada e canelada em organização radial (Figura 4).

Assim, dentro da amplitude cronológica-cultural da Pré-História Recente, tem-se proposto como hipótese de enquadramento a *Idade do Bronze Pleno* – ou apenas a *Idade do Bronze* segundo a periodização estabelecida por A. Bettencourt (2000) –, para este *povoado de agricultores-pescadores* (atividades largamente testemunhadas pelos pesos de rede e fragmentos de mós exumados) cujos vestígios remanes-cem na estratigrafia abaixo da camada 5a, inclusive. Quanto ao conhecimento da *liga*, apenas um fragmento de bronze o testemunha, documentando-se o metal por pouco mais do que raros pingos de cobre. Precioso contributo para a confirmação desta contextualização será, por isso, a obtenção das datações por C14, em curso. Na falta destas, fica a contextualização cultural delineada pelo enquadramento geográfico conferido pelos dados presentes no *Endovélico*¹⁰. Indica este como jazidas paralelizáveis e contextualizadas também na Idade do Bronze, na bacia de Ave, o povoado do Pego (Braga), e na faixa litoral entre o rio Ave e o rio Douro, os povoados da Bouça da Cova da Moura (Maia), do Paço (Gondomar), e das Areias Altas (Porto).

Não obstante, tendo presente os poucos vestígios calcolíticos, afirme-se a possibilidade de, nas imediações, ainda se conservarem outros mais expressivos dessas ocupações mais antigas, indiciadas pela presença episódica de decorações penteadas, metopadas, triângulos, e ainda de campaniforme, estilo marítimo, variante internacional.

De resto, para a envolvente do corredor da “*Variante do Corgo*” se projeta o *Sítio do Corgo*, e no prolongamento do cume para sul, no seu limite, fica o *lugar de Quintã*, onde também já foi identificada ocupação enquadrada na Idade do Bronze. Nessa

10. <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/portal-doarqueologo>.



Figura 2 – Plano 6 de negativos, Fossa 107.

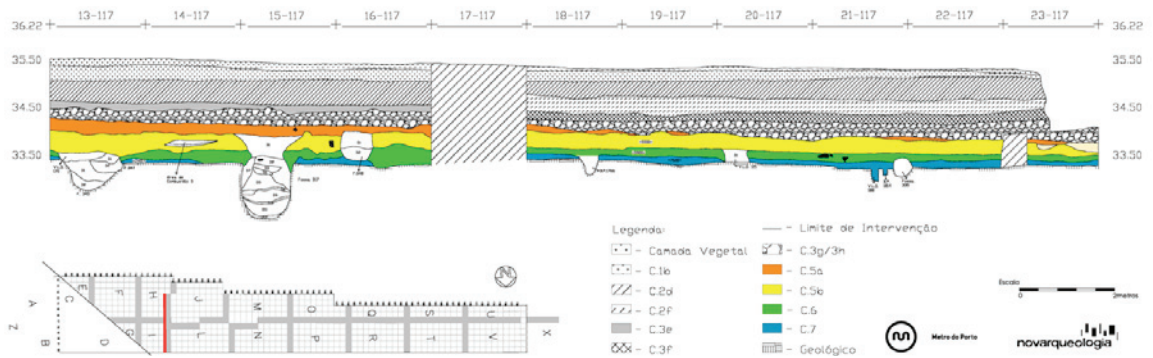
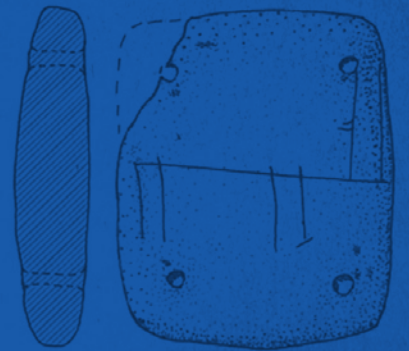
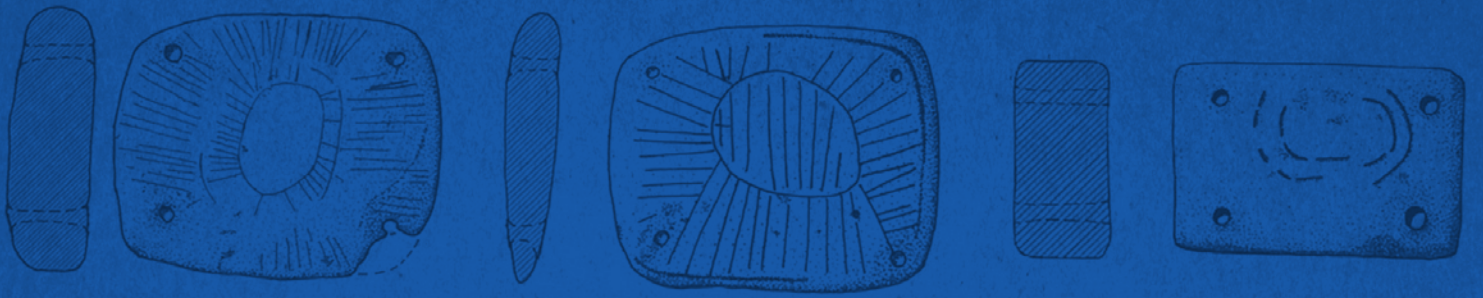
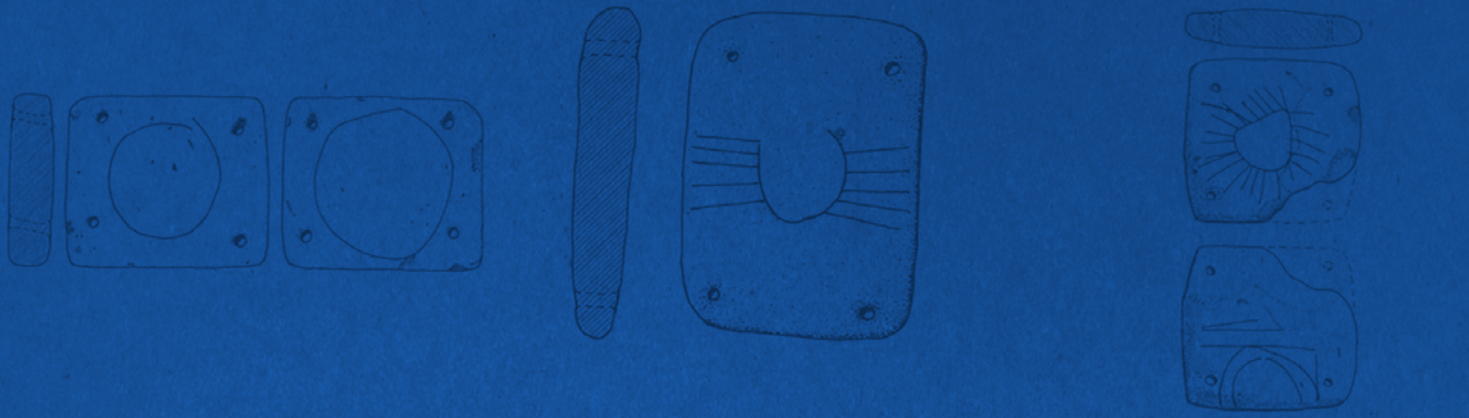


Figura 3 – Campanha MP-AZR04.07-08: Corte 13A.



Figura 4 – Plano 6 de negativos, Fossa 324: exumação e vaso reconstituído.

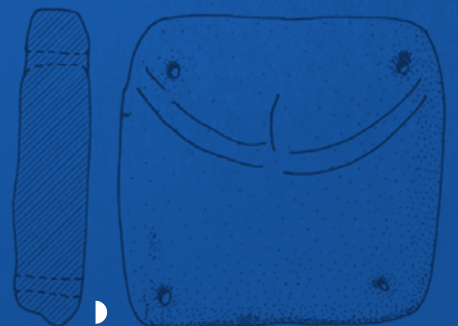


AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua